



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12348 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVI Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd Nordeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

Pedagogias de terreiro, um estudo em andamento.

Sueli S. Santos - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Zuleide Paiva da Silva - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Pedagogias de terreiro, um estudo em andamento.

Em processo de formação docente, ingressei no Mestrado em Educação e Diversidade de uma universidade pública baiana com o propósito de analisar as pedagogias de Terreiro da nação Angola, tendo como eixo delimitador a categoria sexualidade e suas interseccionalidades. Esta proposta parte do entendimento que os terreiros de candomblé se constituem como espaços de educação dotados de dinâmicas sociais próprias, capazes de reproduzir modos próprios de aprender e ensinar ao longo das gerações. Essa compreensão leva em conta que essas comunidades desenvolvem uma série de práticas sociais estruturantes do grupo, tais como práticas de cuidado, de resgate/resistência cultural afrodescendente, de acolhimento de grupos marginalizados, enfrentamento e superação do racismo religioso, da misoginia, lesbofobia e de outras formas de violência que estruturam a sociedade. Desse modo, entende-se que há uma pedagogia de terreiro que permeia as relações comunitárias, os aprendizados, bem como o posicionamento de seus membros sobre suas existências à vista da realidade.

Como era esperado, essa proposta de pesquisa vem sofrendo alterações frente à ebulição de novos conhecimentos, mudanças de signos e significado, dúvidas e incertezas que emergem a partir do processo de orientação, das reuniões do Grupo de Pesquisa e das aulas dos componentes em curso. Assim, apresentar alterações no projeto de pesquisa em andamento é o propósito deste texto, que se apresenta como um relato de si (BUTLER, 2015), registo do ato de ler, pensar e escrever minhas experiências. Para tanto, recorro à pesquisa bibliográfica e à memória, traçando um caminho circular por onde giro em busca do aprofundamento da compreensão do objeto.

Entrando na ginga com os Nkisi

Foi nas aulas/conversas do componente curricular Docência e Diversidade que meu projeto começou a ser modificado. Mais precisamente, em uma roda de conversa com duas professoras lésbicas do axé, uma delas minha orientadora, sobre o pensamento lésbico apreendido como um ginga contra hegemônica. Nessa conversa, a lesbianidade foi apresentada como campo teórico do feminismo e a ginga como campo discursivo. Diferentes correntes do pensamento lésbico foram refletidas, dentre elas o lesbofeminismo interseccional produzido por lésbicas negras. Essa corrente foi pontuada como uma ginga que problematiza a subordinação e a opressão feminina em função do gênero, raça, classe, sexualidade, dentre outros marcadores da diferença. Questionando tanto os feminismos produzidos pelas mulheres heterossexuais brancas e negras, quanto os produzidos pelas lésbicas brancas, essa corrente evidencia o apagamento da produção textual das lésbicas negras no campo feminista.

Na conversa, o texto da mestra Janja Araujo entrou reiterando a ginga um jogo discursivo, um falso conflito, a não aceitação do mundo autorizado. Como define a mestra,

Ginga: movimento fundamental, do qual partem todos os golpes ofensivos ou defensivos, e em que o capoeirista, agitando-se sem deixar de manter a base de apoio, em conjugação com as mãos, procura iludir e desnorrear o adversário. Molejo, malandragem, astúcia (ARAUJO, 2004.p 193).

Destarte, minha cabeça girou, e logo compreendi a importância da ginga como uma metáfora que assume relevante significância para o atual momento de engrenagem e reconstrução do meu projeto de pesquisa. Sinto-me girando nessa grande ginga em busca de conhecimentos para dar vida e movimento ao meu estudo.

Embora a denotação do termo parta da noção de jogo/luta, a palavra popularmente ganha significados que expressam as diferentes estratégias lançadas no jogo da vida de determinados grupos, dentre eles o povo de terreiro que trago para meu projeto.

A ginga também está metaforicamente presente no meu cotidiano enquanto lésbica, negra, Makota (sacerdotisa) de Lemba (um Deus da nação banto angola), pesquisadora, professora da educação básica que, com muito molejo, vem assumindo a dupla jornada de trabalho e estudo.

Desde a experiência pensada como a história do sujeito (Jonh SCOTT, 1999), observo que os sujeitos que atravessam nosso estudo (pessoas de terreiro) também lançam mão da ginga para os desafios de suas vidas. Isso porque constituem um grupo socialmente marginalizado, exposto as violências de gênero, sexual, racial, religiosa e social. Assim, muitas vezes recua para avançar como estratégia de resistência e sobrevivência, embora nem sempre isso aconteça, pois muitos de nós sucumbem diante dessas opressões e perdem no jogo da vida.

A violência tantas vezes vivenciada no cotidiano do povo negro está representada no livro de Frantz Fanon, 'Pele negra máscaras brancas', quando o teórico descreve como os filmes americanos eram traduzidos na França: "Além do mais, ele era bem preto, andava sempre atrás dos demais, tremendo ao menor movimento de cólera do contra-mestre e sendo, enfim, morto na aventura" (FANON, 2008, 47).

A realidade descrita por Fannon é também vivida por parte da população negra no Brasil. Com esse mesmo sentido Achille Mbembe (2019) teoriza sobre a necropolítica. Trazendo argumentos que evidenciam o poder letal da colonização em relação aos grupos não hegemônicos, ele reitera que o ocidente e suas instituições estatais sustentam seu poder através da morte.

A violência em função do racismo também é uma realidade vivenciada pelos adeptos do candomblé, os quais são frequentemente vítimas de agressões e intolerância religiosa. A professora Fatima Lima (2022), em sua live intitulada 'Vidas teimosas: desobediência epistêmica, metodologias e práticas', problematizou a condição de vulnerabilidade a que é exposta a população negra. Reconheçamos o significado de vidas teimosas como a insistência e resistência existentes diante de tantas tentativas de apagamento da cultura e memória do povo negro e dos movimentos LGTQIA+, além da sobrevivência dos terreiros de angola.

Os terreiros de Angola Congo trazem a ginga de capoeira através de sua própria história. Lembrando que os primeiros povos africanos traficados para o Brasil trouxeram consigo um grande ensinamento: aprender a jogar observando o outro, absorvendo o que vem de outros povos sem desprezar sua cultura de origem. Os povos bantos e o candomblé angola têm como uma de suas características a habilidade em somar com o outro, como estrangeiro, para fortalecer sua estrutura. Nessa lógica seria contraditória qualquer negação das identidades de gênero, sexualidade ou raça que constituem os espaços afro religiosos. Mesmo porque os terreiros são munidos de pedagogias próprias, independentes, que transcendem do mundo exterior. Essas pedagogias transmitidas pelos mais velhos através da oralidade, geração em geração, permeiam o ato de cuidar do outro, o resgate e resistência cultural.

Esse aprender com o outro vivenciado nos terreiros amplia minha percepção de mundo, desloca meus pensamentos promovendo novos aprendizados e ensinagens. Isso também ocorre em sala de aula, como sugere bell hooks ao descrever a seguinte situação:

Os alunos também me ensinam que é preciso praticar a compaixão nesses novos contextos de aprendizado. Não me esqueço do dia em que um aluno entrou na sala e me disse: 'Nós fazemos seu curso. Aprendemos a olhar o mundo de um ponto de vista crítico que leva em conta a raça, o sexo e a classe social. E não conseguimos mais curtir a vida (hooks,2017, p.60).

Assim como os alunos de bell hooks mudaram suas concepções frente aos debates estabelecidos em sala de aula, eu mudei meu ponto de vista depois da discussão sobre pensamento lésbico como uma ginga epistemológica contra hegemônica. A ginga não fazia parte do meu teorizar na pesquisa. Mas, desde então, tenho pensado e refletido com minha

orientadora a ginga como dispositivo teórico metodológico para sacudir, transformar, trazer outra lógica para a pesquisa em curso. Isso significa assumir o jogo discursivo – conversa como método, modo de fazer pesquisa com o povo do Terreiro, com o meu povo. Significa ainda o reconhecimento do povo de santo como coautores(as) do estudo.

O uso da conversa como aposta metodológica vem, conforme afirmam Carmem Sampaio, Tiago Ribeiro e Rafael Souza, na esteira dos questionamentos dos métodos tradicionais de fazer pesquisa

Conversar abre possibilidades para interrogar modos autoritários e, muitas vezes arrogantes, de pesquisar [...]. Não se trata de ser melhor, de ser mais ‘eficaz’ ou ‘eficiente’. Trata-se, antes, de abrir horizontes de possibilidades para que possamos vivenciar o assombro, a dúvida, o estranhamento, a indagação e o encantamento na pesquisa. (SAMPAIO; RIBEIRO; SOUZA, 2018, p. 28 e 31)

Nessa perspectiva, a conversa como outro modo de fazer pesquisa é atitude ética, estética, política. Com essa aposta, pretendo trazer para o debate as experiências de terreiro que são vivenciadas, mas não são faladas, problematizadas. Pelo contrário, são invisibilizadas, negadas. Esse é o desafio. Em diálogo com os sujeitos da pesquisa, trazer para o centro do debate acadêmico “coisas do terreiro”, e para o centro do terreiro, o debate LGBTQIA+, sem perder de vista que os terreiros, sobretudo os da tradição cultural angola, ainda parecem resistir à iniciação de pessoas em função de sua sexualidade. Essa negação pressuponho, parte do racismo estrutural e epistêmico, e não do princípio religioso, aqui entendido como inclusivo e ancestral.

Assim, é preciso compreender o saber ancestral para reconhecer que é o nkisi quem ensina e transforma. Os nkisi são “[...] entidades ancestrais divinizadas cultuadas nos terreiros de candomblé de nação angola” (SANTOS, 2019, p.142). Nkisi é força que não é vista, mas sentida. Nessa perspectiva, a sabedoria ancestral nos conecta com todos os elementos da terra e com nós mesmos. A partir das pedagogias de terreiro construídas com o saber ancestral, aprendemos a manipular essas forças, sem, contudo, dominá-las.

Com essa compreensão forjada na ginga/conversa em sala de aula, Ktempo adentra meu/nosso pensar como categoria analítica, lentes de interpretação das pedagogias de terreiro.

Kitempo é um nkisi da nação angola que está ligado a todos os elementos da natureza, é o senhor da atmosfera. A sua energia está presente na terra, na água, nas florestas, no fogo, no vento, nos animais, em nós, em tudo. Kitempo é a nossa identidade como terreiro de matriz cultural angola. No terreiro onde tem a bandeira branca em mastro muito alto, geralmente de bambu, a linhagem familiar é angoleira. A bandeira branca é símbolo desse nkisi. Kitempo está ligado ao tempo cronológico, por isso entregamos tudo ao TEMPO, porque ele gira.

Na gira da ginga do tempo, Krenac, em conexão profunda com a natureza, que é energia vital, nos fala:

Li uma história de um pesquisador europeu do começo do século XX que estava nos Estados Unidos e chegou a um território dos Hopi. Ele tinha pedido que alguém daquela aldeia facilitasse o encontro dele com uma anciã que ele queria entrevistar. Quando foi encontrá-la, ela estava parada perto de uma rocha. O pesquisador ficou esperando, até que falou: ‘Ela não vai conversar comigo, não?’. Ao que seu facilitador respondeu: ‘Ela está conversando com a irmã dela’. ‘Mas é uma pedra.’ E o camarada disse: ‘Qual é o problema?’ (KRENAC, 2019, p. 10).

A conexão que temos, enquanto afroreligiosos, com a natureza é estranha para o mundo cristão, por isso a demonização dos nossos símbolos sagrados. Não cultuamos demônios, cultuamos forças vivas, elementos sagrados que habitam a natureza e o universo. Ao mesmo tempo esses elementos, aparentemente inanimados, estão ligados a mim, a nós. Fazemos parte dele. Esses elementos não estão soltos e isolados. Eles estão conectados conosco, portanto quando são agredidos, parte de nós também é agredida. Quando morrem, parte de nós também morre.

Assim, apreender Kitempo como categoria de análise é apostar no olhar interseccional, investir na interseccionalidade como princípio do método, como sugere minha orientadora. Isso significa assumir os feminismos interseccionais como base epistemológica do estudo.

Como sugere Djamila Ribeiro, falar desses feminismos não é apenas sobre identidade, mas um convite a rever e a repensar como algumas identidades são aviltadas.

Quando se discute identidades, também está se dizendo que o poder deslegitima algumas em detrimento de outras.

[...] é preciso e urgente que se ressignifique o conceito de humanidade, já que pessoas negras em geral, e mulheres negras especificamente, não são tratadas como humanas. Uma vez que o conceito de humanidade contempla somente homens brancos, nossa luta é para pensar as bases de um novo marco civilizatório (RIBEIRO, 2018, p.27).

Nos caminhos de Nzila

Esse relato é inconcluso. Entendendo o fim como um recomeço, essa gira da ginga vira de um lado para outro e transforma. Assim, trago Nzila (Senhor dos caminhos no candomblé angola), aquele que desestabiliza para restabelecer uma nova ordem. Desse lugar que falo agora, de quem teve seu projeto de pesquisa sacudido, sigo conversando/gingando em processo de produção de conhecimento. Desde a ginga, peço a Nzila que abra os caminhos do conhecimento, que eu possa ter um entendimento mais sólido para teorizar a ginga como dispositivo teórico metodológico contra hegemônico.

Referências

ARAÚJO, Rosangela Costa. **IÊ, VIVA MEU MESTRE A capoeira Angola da “escola pastiana” como práxis educativa.** Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação de São Paulo - São Paulo, 2004.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: Crítica da violência ética.** Autêntica Editora, 2015. FANON, Frantz. **Pele Negra Máscaras Brancas.** Tradução Renato da Silveira –

Salvador: EDUFBA, 2008.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade** Tradução de Marcelo Brandão Cipolla; 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017

KRENAC, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Seminário. Companhia das letras, 2019.

LIMA, Fatima. **Live Vidas teimosa: desobediência epistêmica, metodologias e práticas**. Semana de integração dos novos alunos do Mestrado Profissional MPED. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0JvTPi1RN8k&t=1228s>>

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Traduzido por SANTINI, Renata – São Paulo, n-1 edições, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (Org.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

SANTOS, Joise Maria Rêgo. **É quizila do santo: vivências e interdições alimentares em um candomblé angola e a Segurança Alimentar e Nutricional**, Dissertação (Mestrado) – Programa de pós-graduação e Alimentos, Nutrição e Saúde - UFBA – Salvador-BA, 2019. 149 f.

SCOTT, Joan. Experiência. In: SILVA, Alcione Leite; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (Orgs.). **Falas de Gênero**. Santa Catarina: Editora Mulheres, 1999.